

A qualidade de *O homem sem qualidades* de Robert Musil¹

Michael Hanke

1. Introdução

O título deste trabalho, “A qualidade de *O homem sem qualidades* de Robert Musil”, alude a uma ambigüidade que apenas se encontra dessa forma na tradução para o português, pois o termo *qualidade* designa, primeiro, ser de *boa* qualidade, e segundo, significa simplesmente *propriedade* sem conotação valorativa. Por isso, usaremos também o termo *propriedades* no lugar de *qualidades*, escolhido para o título da tradução brasileira. Diante do prestígio de Robert Musil como um dos escritores mais importantes da primeira metade do século XX, comparável ao de Proust e de Joyce no que diz respeito à sua inteligência e ao seu alcance (Kaiser/Wilkins, *apud* Roseberry, 1974: 99), e diante do brilhantismo estético de *O homem sem qualidades*, obra-prima de Musil, discorreremos apenas sobre o segundo significado da expressão “sem qualidades”.

A falta de qualidades, *Eigenschaften*, do homem sem qualidades não se refere, portanto, à falta de *boa* qualidade. *Eigenschaft*, em alemão, a tradução de *proprietas*, em latim, foi introduzido na língua alemã pelo místico Meister (“Mestre”) Eckhart. A *proprietas* é uma predicação individual no sentido de uma característica que tanto pode ser atribuída a uma coisa quanto pode emanar de sua constituição como um todo. Fazemos a diferença entre

- “atributos” essenciais ou substanciais (permanentes);
- “modos” não-essenciais ou acidentais (casuais);
- qualidades constitutivas (determinantes);
- propriedades consecutivas (derivadas);

- particulares (de apenas uma coisa) e
- universais (compartilhadas com outras coisas).

Na psicologia, as qualidades também são designadas como “disposições”.

A intenção da obra de Musil, que tem como categoria central a “falta de qualidades”, de não apresentar nenhuma dessas marcas, tem como base filosófica um distanciamento da terminologia ontológica estabelecida e seus modos de pensar. De acordo com essa ontologia substancialista clássica, o mundo consiste “... em *coisas* (objetos, substâncias) como montanhas, plantas, pessoas etc., que são determinadas por diversas *qualidades* – por exemplo cores, formas, faculdades etc. – e interligadas por *relações* múltiplas.” (Bochensky 1965: 9) Tudo “que é ou pode ser” é denominado com o termo filosófico universal de “ente”: coisas, qualidades e relações. Além disso, em cada ente diferenciam-se dois aspectos: sua essência (*Wesen*), *aquilo que* ele é, e sua existência (*Dasein*), *o fato que* o ente é. Essa ontologia substancialista, defendida por Platão e Aristóteles e levada adiante por Descartes e Hegel, reconhece as substâncias como núcleos da realidade de mundo. A essas substâncias atribuem-se qualidades, isto é, as substâncias servem como substratos ontológicos para suas qualidades (a essência, *Wesen*). Surge daí a descrição do mundo nos moldes do esquematismo essencialista da metafísica ocidental e seu desdobramento como *cosmos* ou *ordo*, começando pelas substâncias sensíveis e acabando no ente supremo, que é Deus. A silogística (lógica) aristotélica-clássica segue esse esquematismo, construindo, a partir de substâncias e qualidades, pirâmides de gêneros cada vez mais abstratos. É essa ontologia substancialista clássica, que é destituída através da falta de qualidades de *O homem sem qualidades*.

2. A obra

O homem sem qualidades é um fragmento gigantesco, de modo que se pode falar de uma falta de qualidades formais. O primeiro volume do romance saiu em 1931; tudo indica que Musil, depois de sua volta de Berlim, onde havia conhecido seu primeiro editor Ernst Rowohlt, trabalhou, desde 1921, como escritor livre na sua obra-prima, exercendo, concomitantemente, as atividades de crítico de teatro e ensaísta. Dificuldades financeiras motivaram a fundação de uma Sociedade Musil, possibilitando-lhe uma estadia em Berlim (1931 a 1933) e a conclusão da primeira parte do segundo volume. A dissolução da Sociedade-Musil pelos nazistas fez com que o autor voltasse a Viena e que se fundasse a Sociedade Musil Vienense. Afirma-se que a continuação do volume II, enviada à editora em 1938, tenha sido confiscada pelo governo alemão; de qualquer maneira, ela acabou na lista dos “escritos nocivos e indesejáveis”. O início dessa parte confiscada tinha como subtítulo “Rumo ao Império Milenar. Os criminosos”, sem que houvesse um segundo sentido político. Musil, nascido em 1880, faleceu no dia 15 de abril de 1942 no exílio suíço durante o trabalho no seu *opus magnum*.

O romance apresenta várias tramas e sub-tramas, que se concentram nos seguintes acontecimentos: Ulrich, um matemático bem-sucedido e promissor com pouco mais de 30 anos, resolve “tirar férias da vida” durante um ano para se curar do mal-estar da mesma. A trama do romance coincide com esse ano entre o verão de 1913 e o de 1914 e se passa em sua maior parte em Viena. Ulrich é envolvido em duas ações, ou então, em dois escândalos: há a “ação paralela”, localizada no salão de Diotima, a esposa de um alto funcionário do Governo e promovida pelo próprio Governo. Seu objetivo é a preparação da celebração do 70º aniversário da entronização do imperador Franz-Joseph no ano 1918, paralelamente a um empreendimento semelhante na Alemanha. A segunda ação é o processo contra Moosbrugger, o louco assassino de prostitutas, pelo qual Ulrich e seus amigos cultivam um “interesse misterioso” (Peter Berger).

As duas tramas se tornam secundárias quando Ulrich, depois da morte do seu pai, reencontra Agathe, sua “irmã esquecida”, com quem ele não encontrara desde sua infância. Ambos deixam a cidade de província para retornar a Viena, fundam um lar comum e partem para a busca de um “outro estado de consciência”, uma espécie de êxtase.

3. A falta de qualidades

Apesar das referências geográficas, *O homem sem qualidades* não pretende ser um relato histórico ou uma descrição da sociedade austríaca da época.² Não se trata de um romance regionalista, mas da tentativa de resolver o problema da realidade a partir do ponto de vista da consciência moderna (Berger, 1970: 213). Sua intenção é descrever e criticar os elementos centrais da sociedade em geral, razão pela qual “Kakânia” e sua população servem como paradigmas do mundo moderno (Rentsch, 1990: 65) e como símbolos de um problema universal. A importância de Viena consiste apenas em ser uma cidade grande, pois *O homem sem qualidades* é um romance urbano que focaliza a constituição urbana do indivíduo.

Thomas Rentsch estabelece uma relação direta entre a categoria central da falta de qualidades e a temática principal da vida intelectual da modernidade vienense na virada do século, ou seja, a temática da dissolução do mundo, da erosão e do colapso de um mundo envelhecido com suas formas de organização. Essa dissolução da ordem antiga, circunscrita com os termos “decadência dos valores”, “vácuo dos valores” e “perda do sistema de valores centrais” (Zeidler, 1990: 78) cria uma consciência própria pela problemática do indivíduo numa sociedade em decadência. Essa crise e mudança da consciência européia influencia os fenômenos da experiência do tempo e do espaço, da constituição da realidade e da auto-imagem. Trata-se de uma mudança de consciência que, desde a Idade Média, não tinha alcançado dimensões tão grandes e que se apoderou tanto da linguagem, quanto dos conteúdos e das formas da literatura (Gaier, 1990: 23).

Segundo Rentsch, a categoria da falta de qualidade, constitutiva não apenas para o título, mas também para o romance como um todo, abrange basicamente os dois aspectos dessa mudança de épocas na modernidade, a saber "... a presentificação literária da decadência da ordem na passagem para a modernidade, assim como a presentificação crítica e irônica das tentativas sociais e privadas de recuperar uma nova segurança no mundo e de restituir uma nova ordem" (1990: 50).

A questão da possibilidade de um homem sem qualidades e, com isso, a questão da possibilidade da falta de qualidade é respondida por Rentsch (1990: 50ss.) em três níveis, de acordo com seus pressupostos filosóficos:

1. através de uma crítica do conhecimento (e da metafísica);
2. através de uma crítica social e
3. no plano sexual-mítico ou seja, místico.

No plano da crítica metafísica, a falta de qualidades, inserida na tradição da filosofia moderna da época, isto é, do empirismo e do neopositivismo, assim como na teoria do conhecimento de Ernst Mach, é voltada contra o essencialismo da ontologia substancialista no sentido já apresentado, visando sua destruição.³

Ernst Mach, físico e professor de filosofia em Viena desde 1895, encontrou o acesso ao Eu através de análises físicas. Ele dissolveu o Eu nas chamadas qualidades sensoriais e perceptivas, impossibilitando assim sua percepção e representação integral (cf. o exemplo de Mulligan, 1990: 225 – a tentativa bem-sucedida de observar a minha ira acaba no desaparecimento da mesma). Esse "monismo psico-físico" conduziu a uma dissolução física do sujeito em complexos sensoriais isolados, de modo que a última instância de valores, a identidade do Eu unitário, é desmascarado como ilusão. A famosa fórmula de Mach, "O Eu não tem salvação", fundada nos argumentos de Brentano e do Husserl da primeira fase, de Stumpf e de Ehrenfels (Mulligan, 1990: 224s.), foi popularizada posteriormente por Hermann Bahr (Wunberg, 1990: 110s.). O sujeito (ou Eu), enquanto portador firme de suas qualidades essenciais, era a substância por excelência da ontologia clássica; para o romance de Musil, a idéia central é "... que a crítica do conhecimento de Mach e sua doutrina elementar, junto com a dissolução da ontologia substancialista, representam uma dissolução do conceito tradicional do Eu, cuja realidade é garantida através da sua substancialidade" (Rentsch, 1990: 53).

Na crítica radical de Mach, as *qualidades* foram substituídas por *elementos*; estes últimos não são mais vinculados ao mundo interior dos sujeitos, nem constituem o mundo enquanto mundo exterior, mas oscilam entre ambos, eliminando, assim, a diferença entre o lado interior e exterior.

Musil traduz o monismo psico-físico de Mach na representação de um sistema anônimo de domínio social que registra as relações fixas entre sujeito e objeto como marcas funcionais. Esse sistema desconecta as qualidades tanto dos sujeitos quanto de seus objetos e as insere, enquanto elementos funcionais, numa camada intermediária da qual ambos dispõem" (Laermann, 1970: 6).

Um homem sem qualidades consiste em qualidades sem homem, de modo “que o pressuposto sistemático da falta de qualidades é a perda de substância na forma da perda do Eu” (Rentsch, 1990: 54), uma “virtualização da personalidade” (Horst), que afeta também o autor. Numa anotação de diário de 1921, Musil desenvolve uma dialética entre dois Eus virtuais; o Eu não denota “... a pessoa particular do autor, nem o Eu fictício de um romance: não importa para mim a conexão dos pensamentos e dos sentimentos manifestos numa única pessoa, portanto também não na minha pessoa, mas apenas sua conexão mútua” (*apud* Raddatz, 1986: 69).

A falta de qualidades nos termos da crítica social se expressa no título “Seinesgleichen geschieht” [algo como: “Coisa similar acontecendo”], marcado por fenômenos de alienação social do dia-a-dia do mundo moderno, como ainda será exposto.

A falta de qualidades no sentido sexual-mítico encontra-se no “outro estado”, livre de qualquer direcionamento intencional e representado como “posicionamento ou atmosfera *sem objeto*” (Rentsch, 1990: 66). Thomas Rentsch remonta essa “união sem objeto” e “concepção de amor sem objeto” à recepção de Ludwig Klages por Musil, recepção esta que, como as muitas outras projeções da época, celebra a “ausência do objeto” como sinal de autenticidade (“a glorificação extática da perda do objeto”, Laermann, 1970: 150) e que se alimenta, em sua tradição mística, da recepção de Meister Eckhart por Musil (cf. Rentsch, 1990: 68ss.) – como já foi dito, foi o Meister Eckhart que criou o termo *Eigenschaft* como tradução de *proprietas*.

4. A falta de qualidades no plano psicológico

Apesar de ter sido intitulado como escritor psicológico, como psicólogo analisador e dissecador (Cremerius, 1979: 714), dando continuação à auto-denominação feita com 19 anos como “Monsieur le vivisecteur”, o próprio Musil negou ser um psicólogo ou um escritor psicológico (fato este que foi enquadrado, de acordo com os padrões conhecidos da Psicanálise, como recalque de sua formação como psicanalista; cf. Cremerius, 1979). Vale notar, contudo, que Musil era especializado em psicologia *strictu sensu*. Após ter se formado em Engenharia na cidade de Brünn em 1901, ele matriculou-se, no outono de 1903, em Psicologia e Filosofia na universidade de Berlim, para se familiarizar com as obras de Dilthey, Simmel, Cassirer e Klages. No entanto, o pensamento psico-antropológico de Musil não era consequência de seu curso de Psicologia, mas seu pressuposto, como observa Cremerius (1979: 741), uma vez que ele mesmo criticou no seu primeiro romance, o *Törless* (terminado em 1905), no qual ele tratava de um assunto psicológico, sem fazer jus à psicologia mais básica. Tendo feito, em 1908, o doutorado na área de Filosofia, com as sub-áreas Física e Matemática, defendendo uma tese sobre o monismo positivista de Ernst Mach e tendo como orientador o psicólogo experimental Carl Stumpf, um discípulo de Brentano, Musil, na idade de 30 anos, resolve abandonar a carreira

acadêmica pouco antes de terminar a *Livre-Docência* e tornar-se escritor (cf. Cremerius, 1979: 741; Roseberry, 1974: 12s.).

Mesmo havendo uma polêmica entre os pesquisadores sobre o quanto e quando se deu uma recepção de Freud por Musil, é óbvio que “um escritor, que começa a escrever após o ano 1900 e que, até o ano 1903, passa diariamente várias horas nos *cafés* literários de Viena e, de 1903 a 1910, de Berlim, não tem como não absorver informações sobre a Psicanálise” (Cremerius, 1979: 743). Seja como for, Musil, enquanto psicólogo científico, tomou conhecimento da bibliografia específica entre 1900 e 1910.

Cremerius (1979: 743ss.) apresentou o trabalho de recepção psicanalítica de Musil, sendo que sua leitura inteiramente freudiana “desmascara” cada sinal que aponta para Freud, mas não o faz explicitamente, como recepção disfarçada (p. 747). Enquanto “Monsieur le vivisecteur”, Musil, por toda sua vida faria o papel do psicólogo analisador e dissecador que data da sua primeira fase (Cremerius, 1979: 741), dissolvendo a autonomia do sujeito em falta de qualidades através da redução de processos psíquicos superiores a fenômenos pulsionais elementares (1979: 753).

Cremerius explica a importância de uma das duas tramas, a descrição do maníaco sexual Moosbrugger, seu processo e seu destino posterior, e o interesse grotesco e misterioso de Ulrich e alguns dos seus amigos nesse caso através da importância – psicanaliticamente definida – da sexualidade em Musil. Essa força dionisíaca, caótica e misteriosa, que, debaixo da superfície (das qualidades), se apresenta como “a vida pulsional agressivo-sexual que reside no fundo da natureza humana” (Cremerius, 1979: 748), penetra, por assim dizer, todas as qualidades e assim as dissolve. A falta de qualidades surge como consequência da condução inconsciente das pulsões: se a “realidade propriamente dita” se concretiza “nos processos realmente efetivos do inconsciente” (Gaier, 1990: 10s.), a dissolução das qualidades também atinge a confiabilidade da atribuição dos signos ao significado, quando esse inconsciente não se exterioriza sintomaticamente de acordo com regras fixas, mas através de manifestações diversas (como imagens de sonho, atos falhos lingüísticos, sublimações) numa linguagem codificada, que se relaciona de maneira não calculável com os processos efetivos do inconsciente (Gaier, 1990: 11).

Admitindo que *O homem sem qualidades* representa uma tentativa de resolver o problema de saber como é possível, a partir da perspectiva da consciência moderna, a compreensão da realidade (Berger, 1970: 213), isto é, não de uma sociedade determinada (contemporânea, austríaca etc.), mas da sociedade em geral, então o caso Moosbrugger ilustra a energia criminal, própria a qualquer sociedade (e ameaçadora para ela), assim como o problema do controle social e pulsional. Como mostrou Peter Berger, a partir de uma perspectiva da sociologia do conhecimento, em sua comparação entre Alfred Schütz e Musil, a ameaça da realidade social pela figura de Moosbrugger consiste no fato de este não ter motivos socialmente compreensíveis para seu crime e de se declarar inocente por ser alguém que habita uma segunda

pátria (“A gente tem uma segunda pátria, onde tudo que se faz é inocente” *O homem sem qualidades*, versão alemã, p.119). Por isso, é tarefa da justiça traduzir essa realidade criminal de Moosbrugger para a realidade social (Berger, 1970: 221).

5. Exatidão como qualidade do autor

Uma resposta à questão até que ponto a formação psicológica influi na pessoa do escritor, implica tanto uma decisão sobre os graus de liberdade de um escritor com relação ao cientista, como também sobre a relação entre Literatura e Psicologia, ou seja, Psicologia literária e Psicologia científica. Trata-se de uma distinção feita pelo próprio Musil, sendo que a delimitação dos dois lados o ocupou até o fim da sua vida. É na teoria do romance de Musil que a diferença entre a psicologia científica e a produção literária é tematizada (cf. a monografia de Peter Nusser sobre o assunto *apud* Roseberry, 1974: 79ss.). Destacando o papel particular da “pessoa” do autor, essa teoria evidencia sua diferença com relação à ciência. Segundo ela, o autor é um ser racional numa esfera “não-racióide” que se distingue do seu par na esfera “racióide” pelo fato de encontrar a realidade do mundo em si mesmo, sendo que, para os outros, essa realidade fica predominantemente fora do seu ser (Roseberry, 1974: 80). A esfera não-racióide é uma região de significados da literatura com um tipo próprio de conhecimento que difere daquele da vida cotidiana. Esse tipo de conhecimento pode se permitir de renunciar a uma concatenação das séries de experiência num só mundo, em oposição ao homem comum que “tem” esse mundo como seu *vis-à-vis*.

Para o tipo de conhecimento do autor, pensar e vivenciar não são conceitos opostos, pensamentos e experiências não são incompatíveis na literatura. Para Musil, o desprezo pelo pensamento ou leva ao erro naturalista, quando a literatura reproduz simplesmente a realidade existente, ou ao erro expressionista de querer escapar da compreensão intelectual da realidade através de uma erupção da “alma”. Essa é a essência racional do autor que trabalha numa esfera não-racióide (na região de significados da literatura; a psicologia faz parte do campo racióide). Em seus diários, Musil discorre permanentemente sobre a questão sobre qual o lugar da *Gedankenarbeit*, do trabalho intelectual: “O que importa para mim é a energia passional do pensamento. O trabalho logo se torna um tédio quando não consigo elaborar um pensamento peculiar; isso vale quase para todo parágrafo” (*apud* Raddatz, 1986: 70). Trata-se de transformar a razão em literatura, sendo que o trabalho intelectual e o equilíbrio exigem um máximo de exatidão: “Este livro possui uma paixão que, no âmbito da literatura contemporânea, está bastante fora do lugar: a paixão pela correção, pela exatidão”.

O pendor pela clareza e pela “exatidão” é uma qualidade do estilo de Musil que Mulligan (1990) destaca como característica da produção artística e teórica durante a monarquia austro-húngara, remontando-a à influência de Brentano: “Tanto

para Brentano quanto para Robert Musil, por exemplo, e também para filósofos austríacos posteriores como Ludwig Wittgenstein, a tematização expressa da exatidão e do seu oposto, a verborragia, pertencem aos assuntos teóricos mais importantes” (Mulligan, 1990: 209). Tudo indica que a insistência de Brentano na “exatidão” surtiu um grande efeito (cf. Mulligan, 1990: 212), produzindo uma descrição exata e uma análise contínua de problemas específicos sem acréscimos especulativos e exercendo uma nítida influência na formação do estilo de Musil.

Essa descrição exata e “dissecadora” se torna clara através do seu método de trabalho, que fazia amplo uso de fotos colecionadas por Musil, de modo que seu trabalho dependia não apenas das influências literárias, mas também, em alto grau, de imagens (Fulda, 1989; Corino, 1988), de onde se pode deduzir a “força de imagem” da literatura musiliana (W. Rasch; Corino descobriu a foto que Musil tomou como base para a descrição de uma tenista: trata-se de Suzanne Lenglen que participava de um torneio em Viena; ou a foto de um acidente de trânsito, descrito no primeiro capítulo de *O homem sem qualidades* e documentado na *Illustrierte Kronen Zeitung*).

O pensamento do autor, no entanto, opera no mundo que encontra em si mesmo, que se distingue fundamentalmente de qualquer procedimento científico, que exclui a subjetividade do cientista, ou seja, a supera metodologicamente. A compreensão da psique acontece através da exposição de motivações humanas e através de sua análise de motivo para motivo e de significado para significado, sendo que as transições são tão sutis que se tornam quase imperceptíveis. “O autor [...], no entendimento de Musil, destrói o nexos causal no qual se baseia a Psicologia” (Nusser *apud* Roseberry, 1974: 80), de onde resulta a antipatia de Musil contra o “narrar unidimensional” (“Feliz aquele que pode dizer ‘quando’, ‘antes de’ e ‘depois de!’”, p. 650) e sua função narrativa de conferir ao mundo uma ordem lógica, ou seja, de enquadrar os acontecimentos numa seqüência que, normalmente, nos ameaçam na forma de multiplicidades desordenadas da vida. A própria dimensão do tempo, isto é, seu fluxo contínuo, também é atingido por essa destruição. O narrar ordenado é antropocêntrico; mas, com a fragmentação do Eu, foi dissolvido, também, o ponto de referência dessa narrativa enquanto sistema fixo de coordenadas. Desaparece a aparência da causalidade entre os acontecimentos, que é substituída por um “espectro moral”. Aqui também, o espírito do autor é mais aberto com relação à variedade das possibilidades (“Se há um senso de realidade, também deve haver um senso de possibilidade” – esse é o título do capítulo 4, p. 16), diferenciando-se, nesse ponto, das ciências orientadas pelos “fatos”.

Essas idéias se mostram particularmente relevantes, quando a teoria do romance de Musil converge com o conceito de *O homem sem qualidades*, como expõe Nusser. A idéia musiliana do romance é de ser uma representação de toda a realidade que o escritor é capaz de compreender epistemologicamente, de modo que o romance é a incorporação do conhecimento do autor – na retrospectiva do posfácio de *O homem sem qualidades*: “Isso não é psicologia, porém descrição de mundo” (1952:

1644). Por isso, o romance-ensaio de Musil, pelos seus próprios pressupostos, é fadado ao fragmento. Segundo Fritz Raddatz,

(...) sua obra principal, pela sua estrutura interna, *tinha* que permanecer fragmento. Nós não estamos lidando com um livro que, infelizmente, não foi levado a cabo, mas, muito pelo contrário, com uma obra de arte [...] que *necessariamente* tinha que ficar inacabada. É um *perpetuum mobile*, uma única tentativa (1986: 69).

Temos que ter consciência disso na exploração científica da obra de Musil. Os objetos, a natureza e os caracteres não possuem valor próprio, mas apenas um valor funcional. Musil não tem interesse na explicação real dos acontecimentos reais, porém naquilo que é intelectualmente típico. A antipatia de Musil contra a narrativa unidimensional, documentada pela dissolução do tempo através da perda da dimensão do fluxo contínuo, também é uma consequência da falta de interesse numa explicação real dos acontecimentos reais.

6. Musil e sua época: a falta de qualidades como marca da modernidade

A constatação geralmente aceita de a modernidade vienense ter formulado perguntas e respostas até hoje válidas para a compreensão e a explicação da arte, da ciência e da realidade (Bachmaier, 1990: VII) também procede para Musil. Assim, *O homem sem qualidades* é considerado como simbólico por aquilo que, através de conceitos como a “perda da individualidade no nosso tempo”, procura compreender a “abstração” enquanto forma básica de fenômenos sociais de decadência e de alienação e é considerada como uma característica da modernidade.

O anonimato de processos sociais sem sujeitos é a versão social de um “mundo de qualidades sem homem”, “de vivências sem aquele que as vive”. Nas instituições e ações sociais (como na “ação paralela” que não resulta em nada), uma objetividade abstrata e ordenada apoderou-se da experiência primária dos sujeitos (Rentsch, 1990: 60).

O que vale para o indivíduo, que já não existe mais em termos substanciais, também vale para a sociedade como um todo, descrita, por Musil, como “sociedade sem qualidades”.

Ao fundamentar a inserção de *O homem sem qualidades* em sua época, segundo a qual Musil apresentaria seu protagonista Ulrich como protótipo do homem moderno, Peter L. Berger também aponta para a categoria da falta de qualidades. Ulrich seria “... um dos caracteres mais ‘sem cara’ na literatura moderna – isso num romance que possui em abundância caracteres muito bem delineados. [...] A ‘falta de

cara' de Ulrich, sua privação de 'qualidades' é deliberada e essencial" (1970: 230). O homem sem qualidades é um homem de possibilidades, caracterizado por dois traços: abertura com relação a todos os atos possíveis da experiência e da interpretação de mundo, assim como uma reflexividade persistente e marcadamente racional deste mundo e consigo mesmo. Com isso, Musil desenha uma imagem do homem moderno que apresenta uma congruência impressionante com conceitos não-literários (Berger aponta para o *other-directed character* em David Riesman, a *subjectivization* em Arnold Gehlen e a *permanent reflectiveness* em Helmut Schelsky; 1970: 230). É a falta de qualidades do homem sem qualidades que oferece essa "abertura excessiva e reflexividade excessiva" do "homem de possibilidades". Berger chega a considerar a tentativa dessa conceitualização como intenção principal de Musil:

O homem moderno, enquanto "homem sem qualidades", está aberto para um número indeterminado de transformações da realidade e de auto-transformações. Em outras palavras: o homem moderno tende para a "alternação" entre mundos discrepantes da realidade (Berger, 1970: 231).

Um homem sem qualidades é um homem infinitamente possível, sempre outro, aberto a qualquer evolução em potencial (Raddatz, 1986). A abertura em relação a outras possibilidades ("Outro homem – esse poderia ser o título da minha obra completa") é regida pela lei da solidão que reina também na forma mais íntima da união ("O êxtase da satisfação é apenas ilusão..."). O homem moderno, aberto, devido à falta de qualidades, para inúmeras transformações da realidade ou auto-transformações, tem a opção entre acessos alternantes a realidades discrepantes, indissolivelmente acompanhada de abertura e de reflexividade. A provocação de uma realidade "alternativa" antecipa o que nós conhecemos como fragmentação das sociedades modernas, ou seja, a existência de definições contrárias e não compartilhadas da realidade. Segue disso uma aporia da comunicação, decorrente da congruência insuficiente dos padrões básicos de interpretação e sistemas de relevância.

As razões por esse estado de coisas abrem o acesso para uma análise histórica e sociológica, motivo pelo qual o projeto literário de Musil oferece uma abordagem nesse sentido.

Cremerius também relaciona a "falta de qualidades" com a época, isto é, como característica do personagem prototípico da modernidade, remontando-a, enquanto sublimação no sentido psicanalítico, à constituição psíquica do autor e ao fato de este trabalhar seus problemas:

Da análise infinita da sua neurose privada nasce a figura prototípica do homem sem qualidades. Musil transforma a sua miséria particular num caso exemplar. A partir daí, tudo que constitui seu dilema, ganha sentido: o recalque, a negação, a auto-ilusão, o medo de ser marginal, de não saber o suficiente, de

dar informações incompletas, sua tentativa desesperada e fracassada de produzir uma descrição convincente e fechada do mundo a partir das idéias psicológicas, filosóficas e políticas da época e de duvidar constantemente dessa descrição para acabar substituindo-a. Nós reconhecemos nesse “caso” os paradoxos sem saída da época, os problemas de um mundo em crise e nós mesmos no seu espelho. Isso faz com que *O homem sem qualidades* seja um romance psicanalítico por excelência [...], o romance do século (1979: 768).

7. Conclusão

Se a modernidade vienense, como foi exposto por Wunsberg, tem seus fundamentos ideológicos na recepção de Freud e Mach (1990: 105), Musil, sem dúvida, pode ser considerado como um dos seus protagonistas de destaque. Por um lado, é a dissolução da unidade do sujeito em complexos sensitivos e funcionalmente dependentes, postulado por Mach, que resultou na falta de qualidades em Musil (Bachmeier, 1990: XIX), e, por outro lado, o questionamento radical do sujeito em *O homem sem qualidades* corresponde, também, à “perda do Eu”, descrita pela psicanálise (Krapp, 1990: 203). O que opera por baixo da superfície das qualidades são, para Freud, as pulsões e, para Mach, os elementos e as funções. Além disso, a falta de qualidades em Musil se alimenta, filosoficamente, das seguintes fontes:

1. Uma falta de qualidade lógica, marcada pela doutrina de Mach, que abre mão do conceito ontológico tradicional das substâncias e qualidades visando a determinação do ser. Uma vez que se nega não apenas às coisas, mas também às palavras um núcleo semântico “essencial” e “qualidades essenciais”, surge um paralelo ao conceito wittgensteiniano da semelhança de família (Musil mantinha bons contatos com Wittgenstein, cf. também Nyiri, 1977, Rentsch, 1990: 54ss.);
2. uma falta de qualidade visando uma crítica social que constata a perda do sujeito numa sociedade moderna, racionalizada e funcionalizada. Encontramos aqui um paralelo à análise da impersonalidade em Heidegger (do *man*; há algumas referências a Heidegger em *O homem sem qualidades*, cf. também Rentsch, 1990: 60);
3. uma falta de qualidade não-intencional que é inspirada pela mística de Meister Eckhart, cuja recepção por Musil é atestada;

além disso:

4. uma falta de qualidades de cunho psicanalítico, que identifica “por baixo” das qualidades e disposições de uma pessoa um ser pulsional de difícil domínio, que priva as qualidades de sua substancialidade. A influência de Freud é evidente;
5. uma falta de qualidades metodológica, que resulta do modo específico de trabalho do escritor, que, partindo do mundo que encontra em si mesmo, consegue

descrever e analisar personagens com tanta precisão e com tantos matizes que sua substância é dissolvida em falta de qualidade.

Michael Hanke
Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, BH

Notas

1. Texto apresentado para o seminário “A comunicação e seus intercessores” (9-11/12/1998) da Linha de Pesquisa “Comunicação e Linguagem” do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, FAFICH-UFMG, 11 de Dezembro de 1998. Tradução: Georg Otte.
2. Sobre a vida intelectual e cultural da Viena no início do século XX, cf. também Janik/Toulmin, 1973.
3. Há avaliações divergentes sobre a influência de Mach; enquanto Rentsch (1990: 51) afirma que as idéias de Mach seriam constitutivas para a composição do *Homem sem qualidades* (Laermann, 1970: 4ss. também argumenta nesse sentido), Mulligan (1990: 233) considera essa avaliação como exagerada.

Referências bibliográficas

- BACHMAIER, Helmut (Org.). *Paradigmen der Moderne*. Amsterdam, 1990.
- BACHMEIER, Helmut. Einleitung: Die Signaturen der Wiener Moderne. In: *Bachmaier*, 1990: VII-XXIII.
- BERGER, Peter L. The Problem of Multiple Realities: Alfred Schutz and Robert Musil. In: NATANSON, Maurice (Org.). *Phenomenology and Social Reality. Essays in memory of Alfred Schutz*. The Hague, 1970, pp. 213-233.
- BOCHENSKY, I. M. *Die zeitgenössischen Denkmethode*n. Bern, 1954 [1965, 3. ed.].
- CORINO, Karl. *Robert Musil. Leben und Werk in Bildern und Texten*. Reinbeck, 1988.
- CREMERIUS, Johannes. Robert Musil. Das Dilemma eines Schriftstellers vom Typus “poeta doctus” nach Freud. In: *Psyche* 33, 1979, pp. 733-772.
- FULDA, Werner. Fotos, drastische Archive. Neue Bilder zu Musils Leben und Werk. In: *Die Zeit*, Nr. 6, 1989 (Tiefdruckbeilage).
- GABRIEL, Gottfried. Solipsismus: Wittgenstein, Weininger und die Wiener Moderne. In: *Bachmaier* (Org.) 1990, pp. 29-47.
- GAIER, Ulrich. Krise Europas um 1900 – Hofmannsthal ihr Zeitgenosse. In: *Bachmaier* (Org.), 1990, pp. 1-27.
- JANIK, Allan & TOULMIN, Stephen. *Wittgensteins Vienna*. New York, 1973.
- KRAPP, Manfred. Freud und Adler – Zur Entwicklung der Psychoanalyse und ihrer ersten Abspaltung. In: *Bachmaier* (Org.), 1990, pp. 183-208.
- LAERMANN, Klaus. *Eigenschaftslosigkeit. Reflexionen zu Musils Roman ‘Der Mann ohne Eigenschaften’*. Stuttgart, 1970.
- MULLIGAN, Kevin. Genauigkeit und Geschwätz – Glossen zu einem paradigmatischen Gegensatz in der Philosophie. In: *Bachmeier* (Org.), 1990, pp. 209-236.
- MUSIL, Robert. *Der Mann ohne Eigenschaften*. Org. Adolf Frisé. Hamburg, 1952.

NUSSER, Peter. *Musils Romantheorie*. Göttingen 1963 (Diss.), den Haag 1967 (livro).
NYIRI, J. C. Musil und Wittgenstein: ihr Bild vom Menschen. In: *Conceptus* XI, 1977, pp. 306-314.
RADDATZ, Fritz J. Monsieur le Vivisecteur. In: *Die Zeit*, Nr. 43. 17.10.1986, pp. 69-70.
RENTSCH, Thomas. Wie ist ein Mann ohne Eigenschaften überhaupt möglich? Philosophische Bemerkungen zu Musil. In: *Bachmaier* (Org.), 1990, pp. 49-76.
ROSEBERRY, Robert L. *Robert Musil. Ein Forschungsbericht*. Frankfurt am Main, 1974.
WUNBERG, Gotthart. Deutscher Naturalismus und Österreichische Moderne. Thesen zur Wiener Literatur um 1900. In: *Bachmaier* (Org.), 1990, pp. 105-129.
ZEIDLER, Lothar. Hermann Broch: Verlust des Zentralwerts. Historische Krise und ihre Bewältigung. In: *Bachmaier* (Org.), 1990, pp. 77-104.

Resumo

A observação que a modernidade vienense formulou perguntas e respostas até hoje válidas para a compreensão da nossa realidade contemporânea também procede para a obra-prima do escritor austríaco Robert Musil, *O homem sem qualidades*, tratado neste artigo. Esse *homem sem qualidades* é considerado como protótipo para o mundo moderno, marcado pela erosão do singular, a “perda da individualidade” ou questionamento radical do sujeito. A alienação do indivíduo, o que já não existe mais em termos substanciais, também vale para a sociedade de massas como um todo. Esta visão da fragmentação das sociedades modernas, racionalizadas e funcionalizadas, implica a existência de definições contrárias e não compartilhadas da realidade; segue disso uma aporia da comunicação, decorrente da congruência insuficiente dos padrões básicos de interpretação e sistemas de relevância.

Palavras-chave

Homem e modernidade, comunicação e literatura, *O homem sem qualidades* de Robert Musil.

Abstract

The acknowledgment that the Viennese modernity elaborated questions and answers which are still pertinent to the understanding of our contemporary reality is also applicable to the master piece *The Man without Qualities*, written by the Austrian author Robert Musil and analysed in this article. This *Man without Qualities* is seen as a prototype to the modern world which is marked by the erosion of the unique, the “loss of individuality” or the radical questioning of the subject. The alienation of the individual which no longer exists as an unfragmented substance is also true to the mass society as a whole. This fragmented view of rationalised, functionalised modern societies implies the existence of definitions of reality which are unabridgable and unshared; from this stems a communication impass which is a consequence of the lack of congruence of the basic standards of interpretations and relevance systems.

Key-words

Man and modernity, communication and literature, *The Man without Qualities*, by Robert Musil.